La Comédiathèque

Espera, borboleta!

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:**
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Espera, Borboleta!

Jean-Pierre Martinez

A esperança de vida de uma borboleta é, por vezes, de apenas um dia. Durante essas vinte e quatro horas, voa de flor em flor para aproveitar ao máximo a existência e assegurar a descendência. Se chegarmos aos cem anos, teremos vivido trinta e seis mil vidas de borboleta. Que teremos feito de cada dia?

Comédia em treze sketches

1. Américas
2. Evento
3. Domingo
4. O bufo
5. Homófonos
6. Biblioteca
7. Livros
8. Desencontros
9. Pobres de nós
10. De porta em porta
11. Sem futuro
12. Mensagem numa garrafa
13. Espera, borboleta!

ELENCO
26 personagens
Distribuição muito flexível, tanto no número de intérpretes como no género: cada intérprete pode desempenhar várias personagens e a maioria dos papéis pode ser representada por homens ou mulheres.
De 2 a 26 intérpretes (homens ou mulheres).

© La Comédiathèque

1. Américas

Duas personagens. Uma aproxima-se enquanto a outra está a pescar.

Um – Está a picar?

Dois – Já apanhei um. Olha.

Um – Uau, é enorme.

Dois – Grelhamo-lo para o almoço.

A primeira personagem olha em redor; a outra mantém os olhos postos na boia.

Um – Olha que borboleta tão bonita. Nunca tinha visto nenhuma assim. E tu?

Dois – Não.

Um – Amanhã já estará morta.

Dois – Como é que sabes?

Um – As borboletas vivem apenas alguns dias. Às vezes, só um. Algumas têm uma vida tão curta que nem sequer possuem boca para se alimentarem.

Dois – Pois eu já estou cheio de fome...

Um – Que belo dia para viver. E para morrer. Que bela borboleta...

Dois – E que belo peixe.

Um – Já temos almoço garantido.

Dois – Fazemos umas batatas a acompanhar.

Um – O mar está calmo.

Dois – Batatas ficam sempre bem.

Um – O sol brilha.

Dois – E fazem-se num instante.

Um – Portanto, ainda temos uma boa hora pela frente...

Dois – Uma hora? Temos a vida toda pela frente!

Um – Podíamos ir dar um mergulho.

Dois – Apanho mais um peixe para o jantar e depois vamos. Está bem?

Um – Tens sempre medo que falte alguma coisa. Os peixes não vão fugir todos!

Dois – Prefiro aproveitar enquanto estão a picar.

Um – Está bem.

Dois – Novidades?

Um – Nenhumas.

Dois – Um dia como outro qualquer, portanto.

Um – Sim.

Uma pausa. A primeira personagem contempla o horizonte, enquanto a outra vigia a boia.

Dois – Acho que tenho um peixe... Ah, não, é só o vento...

Um – O céu está completamente limpo. Vê-se até ao fim do mundo.

Dois – Pois.

Um – Achas mesmo que aquilo é o fim do mundo?

Dois – O quê?

Um – Aquilo, para lá do horizonte.

Dois – Não sei... É o que dizem. O que havia de ser?

Um – Não sei... Talvez o princípio de outro mundo...

Dois – Pensas demais...

Um – Tens razão.

Dois – Olha para aquele nascer do sol!

A outra personagem olha para o horizonte.

Um – Isso, pelo menos, nunca há de mudar... *(Continua a olhar, mas o sorriso desaparece-lhe do rosto.)* O que é aquele barco, lá ao longe?

Dois – Onde?

Um – Ali, onde está a nascer um novo dia.

Dois – Não vejo nada. O sol encandeia-me.

Um – Põe a mão à frente dos olhos.

Dois – Ah, já vejo... Está muito longe, não está?

Um – Os nossos pescadores não vão tão longe.

Dois – Parece que se aproxima.

Um – Sim... Agora vê-se melhor.

Dois – É mesmo muito grande...

Um – Os nossos barcos de pesca não são assim tão grandes.

Dois – O que fazemos? Vamos avisar o chefe?

Um – Espera... Vem ali outro.

Dois – Parece-me que são três.

Um – Um grande, um médio e um pequeno.

Dois – O maior tem três mastros.

Um – Os nossos só têm um.

Dois – É um barco gigantesco.

Um – Está a aproximar-se.

Dois – Temos de dar o alerta.

Um – Espera, estou a tentar perceber o que está pintado no casco.

Dois – Sim... Parece que tem qualquer coisa escrita.

Um – Numa língua que não conhecemos.

Dois – Vou copiar aquilo numa ardósia para mostrar ao chefe. Talvez ele saiba o que quer dizer.

Desenha qualquer coisa numa ardósia.

Um – Deixa ver.

Mostra-lhe a ardósia.

Dois – Não faz sentido nenhum.

Mostra a ardósia ao público. Lê-se «Santa Maria».

Um – Vamos avisar os outros.

Dois – Sim, parece que vamos ter visitas... Deve ser alguma tribo vizinha...

Um – Damos-lhes umas batatas e eles voltam para casa.

Dois – E, se quiserem pescar, deixamo-los. O mar é de todos... e peixe não falta.

Um – Depois vamos nadar.

Dois – O mundo não vai deixar de girar por causa disso.

Um – E, segundo o nosso calendário, ainda falta muito para o fim do mundo.

Saem. Escuro.

2. Evento

Duas personagens de pé, lado a lado, de frente para o público, numa atitude de recolhimento um tanto forçada.

Um – Já reparaste? Que engraçado...

Dois – O quê?

Um – Está uma borboleta pousada no caixão.

Dois – Ah, pois está...

Um – Devem ser as flores que a atraem.

Dois – O mal de uns é o bem de outros...

Uma pausa.

Um – Pergunto-me o que raio estou aqui a fazer.

Dois – Eu também.

Um – Já não o víamos há tanto tempo.

Dois – Quando foi a última vez?

Um – No casamento dele, não foi?

Dois – E agora voltamos a vê-lo no funeral.

Um – Bem... «vê-lo» é uma maneira de dizer.

Dois – Pois...

Um – Viste-o?

Dois – Vi... Como nunca tinha visto um morto, aproveitei a oportunidade.

Um – A oportunidade?

Dois – Não éramos propriamente íntimos... Achei que assim seria menos traumático. Para uma primeira vez...

Um – Como assim, uma primeira vez?

Dois – Imagina que morres amanhã e eu quero ir prestar-te uma última homenagem... Ver-te ali, morto, havia de fazer-me impressão. Afinal, nós conhecemo-nos. Tinha-te visto na véspera, cheio de vida... Portanto...

Um – Pois...

Dois – Mas ele, com o tempo que passou desde que o vimos pela última vez...

Um – Hum...

Dois – Já viste algum morto?

Um – Não... *(Uma pausa.)* E então?

Dois – É estranho... É como se... só restasse a embalagem.

Um – A embalagem?

Dois – A casca está ali, mas... já não há ninguém lá dentro. Percebes?

Um – Sim...

Dois – E a cara... Como uma máscara, só que sem ninguém por trás.

Um – Está bem, já percebi a ideia.

Dois – Seja como for, se eu morrer primeiro, estás dispensado de prestar a última homenagem aos meus restos mortais. Agora percebo perfeitamente o que isso quer dizer.

Um – O quê?

Dois – Restos!

Um – Ah, sim...

Dois – É o que fica depois de se tirar tudo o que havia lá dentro. Somos iguais. Quando morremos, só resta a embalagem.

Um – Não sei se aceitam a embalagem de volta para reciclagem.

Dois – A sério, não te dês ao trabalho de ir ao meu funeral, porque eu não vou lá estar...

Um – Eu é que não percebo o que viemos fazer ao dele. Se não me tivesses avisado... Mudo de casa pelo menos uma vez por ano. Devem ter perdido a minha morada há muito.

Dois – É nosso primo, não é?

Um – Primo afastado, parece-me.

Dois – O que é exatamente um primo afastado?

Um – Talvez o filho de um primo... Como é que te encontraram?

Dois – Pelo Facebook.

Um – Ah...

Dois – É a primeira vez que sou convidado para um funeral pelo Facebook.

Um – Não me digas que criaram um evento?

Dois – Acho que não.

Um – Está aqui imensa gente... O nosso primo era assim tão popular?

Dois – Tinha quase cinco mil amigos no Facebook.

Um – A sério?

Dois – Se calhar criaram mesmo um evento.

Um – Os amigos devem ter pensado que era um espetáculo. Ainda por cima, gratuito.

Dois – Tens a certeza de que não é?

Um – Não é o quê?

Dois – Um espetáculo!

Um – Nunca se sabe...

Dois – Seja como for, tenho de me lembrar de o tirar da minha lista.

Um – Que lista?

Dois – A lista de amigos do Facebook!

Um – Ao menos espera pelo fim da cerimónia...

Escuro.

3. Domingo

Duas personagens desocupadas, visivelmente aborrecidas.

Um – Viste?

Dois – O quê?

Um – Aquelas duas borboletas, ali no parapeito da janela.

Dois – Sim...

Um – Estão a dar uma queca.

Dois – Pronto... E depois?

Um – Sabes quanto tempo vive uma borboleta?

Dois – Não.

Um – Um dia.

Dois – A sério?

Um – A única razão de existir de uma borboleta é reproduzir-se. Só pensa em sexo. E tem um dia para tratar disso.

Dois – Hum...

Uma pausa. O aborrecimento aumenta.

Um – Que horas são?

Dois – Seis e cinquenta e nove da tarde...

Uma pausa.

Um – Como é que chegámos a isto?

Dois – A isto, como?

Um – A este momento! Às seis e cinquenta e nove. A este instante preciso. A esta... porcaria de domingo à tarde que estamos a passar juntos.

Dois – Obrigado.

Um – Não é culpa tua. Quer dizer, não é só culpa tua... Mas isto não faz sentido nenhum, não achas?

Dois – Isto o quê?

Um – Estamos a morrer de tédio! Tu não estás?

Dois – Estou...

Um – Daí a minha pergunta... Como é que chegámos a isto?

Dois – Queres acabar comigo, é isso?

Um – Não é essa a questão... Mas talvez valesse a pena pensar no assunto, não?

Dois – Em quê?

Um – O universo tem catorze mil milhões de anos. A Terra, uns quatro mil milhões. A vida apareceu há cerca de três mil milhões. Houve os dinossauros, a extinção dos dinossauros, o aparecimento da humanidade, a Idade da Pedra, a Idade do Ferro, a Revolução Industrial, a Revolução Francesa, três guerras mundiais, o primeiro ser humano na Lua... E tudo para quê? Três mil milhões de anos de evolução para chegarmos a isto... Ao vazio absoluto deste domingo à tarde, às seis e cinquenta e nove, nos arredores de Paris... A este buraco negro das grandes esperanças da humanidade, que é o Dia do Senhor para os servos que nós somos.

Dois – Os cervos?

Um – Os servos! Com esse! Os servos do Senhor! É um trocadilho! Os trabalhadores, caramba!

Uma pausa. Parece acalmar-se.

Dois – Queres que ligue a televisão?

Um – E tudo o que te ocorre é ver um programa de variedades ao domingo à tarde?

A outra personagem pega no comando.

Dois – Acho que nem isso vai ser possível.

Um – Porquê?

Dois – O comando não funciona.

Um – Não pode ser... Deixa-me ver.

Dois – Devem ser as pilhas.

Um – E não temos outras?

Dois – Deste tipo, não.

Um – Queres que vá comprar?

Dois – A um domingo à tarde?

Momento de desânimo.

Um – Como é que chegámos a isto?

Dois – Tens razão. É mesmo um domingo de merda.

Um – Vá, falta só uma hora para acabar.

Dois – Porquê uma hora?

Um – Agora são sete... Quando acabar o programa de domingo à tarde, o pior já passou.

Dois – Tens razão. Daqui a uma hora estamos salvos.

Um – Até ao próximo domingo, pelo menos.

Escuro.

4. O bufo

Um escritório. Dois empregados. Não se percebe bem o que fazem, mas fazem-no com uma dedicação rotineira. Um deles abre o correio.

Um – Olhe, uma carta anónima...

Dois – Uma carta anónima?

Um – Não percebo... Nunca nos aconteceu tal coisa...

Dois – Tem a certeza de que é anónima?

Um – Não está assinada e é feita com letras recortadas de um jornal.

Mostra a carta.

Dois – Veja só... Como nos filmes. E o que diz?

Um – «Há um bufo entre vocês...»

Dois *(olhando à sua volta)* – Um bufo?

Um – Não estou a falar de um bufo de penas e asas.

Dois – Ah, não?

Um – Um bufo é alguém que faz denúncias anónimas.

Dois – Denúncias sobre o quê?

A outra personagem volta a olhar para a carta.

Um – Para denunciar... que há um bufo entre nós.

Dois – Entre nós ou entre vocês?

Um – Que diferença faz?

Dois – Se diz «entre nós», significa que quem escreveu a carta está aqui, entre nós.

Um – Quer dizer... o senhor... ou eu?

Dois – Só somos dois, não somos?

Um – E porque é que um de nós haveria de escrever isto?

Dois – Sei lá. Para se denunciar a si próprio...

Um – Denunciar-se a si próprio?

Dois – Tem razão. Escrever uma carta anónima para se denunciar...

Um – Não faz sentido.

Dois – Pois não...

Um – Além disso, a carta diz «entre vocês».

Dois – Nesse caso, o bufo que escreveu a carta não é o bufo de que está a falar. Está a tentar denunciá-lo.

Um – Sem dizer quem é?

Dois – É realmente estranho...

Um – Um bufo a denunciar outro bufo.

Dois – Está visto que também há bufos entre os bufos.

Um – Espere... Parece que está mais alguma coisa dentro do envelope.

Dois – O quê?

Um – Uma borboleta...

Dois – Morta?

Um – Claro que está morta! Dentro de um envelope... Está morta e seca...

Uma pausa. Trocam olhares desconfiados.

Um – Foi o senhor que fez de bufo?

Dois – Qual deles?

Um – O que escreveu esta carta!

Dois – Como é que sabe?

Um – Ontem levei o jornal do escritório para casa e havia letras recortadas nas páginas.

Dois – Leva o jornal do escritório para casa?

Um – E o senhor corta-o aos bocados!

Dois – Está bem...

Um – De qualquer modo, no dia seguinte vai para a reciclagem. Que diferença faz?

Dois – Nenhuma...

Um – Mas porquê?

Dois – Porquê o quê?

Um – Esta carta anónima!

Dois – Não sei... Aborrecemo-nos tanto neste escritório...

Um – Pois, isso é verdade...

Dois – Seja como for, há mesmo um bufo entre nós.

Um – Então porque escreveu «Há um bufo entre vocês»?

Dois – Para não dar nas vistas. Afinal, só somos dois.

Um – E a borboleta?

Dois – Juro que não tive culpa... Quero dizer... Morreu de causas naturais...

Um – Se o senhor o diz...

Dois – As borboletas só vivem um ou dois dias. Não custa encontrar uma que tenha morrido de velhice.

Um – Nunca vi o cadáver de uma borboleta...

Dois – Seja como for... Matar alguém cuja esperança de vida é de um ou dois dias... Também não é propriamente um crime...

Um – Acha que não?

A outra personagem olha para ele, perplexa. Retomam as tarefas rotineiras.

Escuro.

5. Homófonos

Duas personagens sem absolutamente nada para fazer.

Um – Já não sinto nada.

Dois – Cinto? O que se passa com o teu cinto?

Um – Não. «Sinto», com S. Do verbo sentir.

Dois – Ah, sim...

Um – São homófonos.

Dois – Homófonos?

Um – Palavras que se pronunciam da mesma maneira, mas têm sentidos diferentes.

Dois – Está bem... Então já não sentes nada.

Um – Exatamente. «Sinto», com S.

Dois – Já tinha percebido.

Um – E tu?

Dois – Eu, o quê?

Um – Não sentes nada?

Dois – Sinto, sinto... Sinto um tédio terrível. Mesmo terrível.

Um – Queres dizer...?

Dois – Com S, sim. Estou a morrer de tédio, se queres saber.

Um – Ah, pois...

Dois – É uma hipérbole.

Um – Uma quê?

Dois – Um exagero, se preferires.

Um – Está bem.

Dois – Embora, no meu caso, já nem tenha a certeza de que seja um exagero.

Um – Percebo...

Dois – Até me pergunto se não será antes uma litote.

Um – Uma litote?

Dois – Dizer menos para dar a entender mais.

Um – Certo... Resumindo, estamos aborrecidos. O resto é retórica.

Dois – Precisamente.

Um – Estamos a ganhar bolor aqui, e pronto.

Dois – Isso é uma metáfora.

Uma pausa.

Um – Sabes quanto tempo vive uma borboleta?

Dois – Não, e estou-me nas asas.

Um – Acho que se diz «estou-me nas tintas»... Não?

Dois – Até te dizia outra coisa, mas duvido que gostasses da metáfora...

Escuro.

6. Biblioteca

Duas personagens de pé, de olhos fixos nos telemóveis.

Um – Em África, quando morre um velho, é uma biblioteca que arde.

Dois – O quê...?

Um – Estou à procura de uma citação para a composição de Filosofia. Que achas? Fica bem, não fica?

Dois – Depende... Qual é o tema?

Um – Podemos afirmar que a História começa com a escrita?

Dois – O que é que isso quer dizer?

Um – Não faço a mínima ideia... E a citação?

Dois – Qual citação?

Um – Quando morre um velho, é uma biblioteca que arde.

Dois – Às vezes acontece ao contrário.

Um – Ao contrário?

Dois – Na semana passada incendiaram a biblioteca municipal. Dizem que foram uns miúdos do bairro. O guarda quase morreu queimado. Estava prestes a reformar-se.

Um – E então?

Dois – Nesse caso, seria antes... «Quando arde uma biblioteca, é um velho que morre».

Um – Então é melhor esquecer a citação...

Dois – Ou então podias modernizá-la um bocadinho...

Um – Modernizar?

Dois – E se escrevesses... «Quando morre um jovem, fecha-se uma conta nas redes sociais»?

Um – Achas?

Dois – Quanto tempo tens para fazer a composição?

Um – O tempo de vida de uma borboleta...

Dois – Deixa estar. Fazes isso amanhã.

A outra personagem olha para ele, perplexa. Escuro.

7. Livros

Duas personagens frente a frente.

Um – Bom dia.

Dois – Olá.

Um – Há muito tempo que frequenta esta biblioteca?

Dois – Uns três anos.

Um – Ah... Então é dos mais novos...

Dois – Pode dizer-se que sim... E o senhor?

Um – Ora, eu... Há uns cinquenta anos, suponho.

Dois – Cinquenta anos? Ena...

Um – É estranho nunca nos termos cruzado antes.

Dois – Pois é...

Um – Não devemos frequentar as mesmas prateleiras.

Dois – Deve ser isso...

Um – Eu sou mais... clássico.

Dois – Teatro de repertório, estou a ver.

Um – E o senhor?

Dois – Mais contemporâneo.

Um – Estou a ver... Quer dizer, não estou a ver muito bem... Desculpe perguntar, mas... Como está coberto por uma espécie de... Não consigo ler o...

Dois – O título e o nome do autor.

Um – Exatamente...

Dois – Espera, borboleta!, de Jean-Pierre Martinez.

Um – Espera, borboleta!? E... o que significa isso?

Dois – Sabe como é o teatro contemporâneo... Os títulos bons já foram todos usados...

Um – Claro.

Dois – Mas talvez... seja uma alusão à brevidade da vida.

Um – Vita brevis...

Dois – Como uma borboleta só vive um dia, cada minuto conta.

Um – Carpe diem... quam minimum credula postero.

Dois – Exatamente...

Um – É uma citação de Horácio.

Dois – Calculei... E o senhor?

Um – Eu?

Dois – Qual é o título? Quem é o autor?

Um – O Misantropo, de Molière.

Dois – Pois, tinha-me parecido ler isso na... sua capa. Aliás, foi por isso que hesitei em meter conversa consigo...

Um – Confesso que esta solidão, no meu deserto, já começa a pesar-me.

Dois – O Misantropo... Um clássico... E está tão bem conservado! Para a idade que tem...

Um – Formato in-quarto, velino, capa de couro, cortes dourados, edição da época. Não envelhece.

Dois – A capa ou o texto?

Um – Ambos!

Dois – Estou a brincar... Mas o que é exatamente velino? Nunca percebi.

Um – Pele de vitelo natimorto.

Dois – Ah...

Um – E o senhor?

Dois – Papel reciclado.

Um – Outros tempos.

Dois – Mais vegan, mas dura menos.

Um – A capa ou o texto? Estou a brincar...

Dois – É verdade que a minha capa estava um pouco rasgada. Foi por isso que me puseram este horrível plástico transparente... A pele de vitelo natimorto tem outro requinte.

Um – Vá... Talvez um dia seja reeditado... Molière também foi um autor contemporâneo, sabe? No princípio da carreira...

Dois – Quem é que terá tido a ideia de requisitar ao mesmo tempo uma peça de Molière e uma comédia de Jean-Pierre Martinez?

Um – Vamos passar uns quinze dias juntos, então...

Dois – Pois vamos... Quinze dias com O Misantropo... *(Para si.)* Que sorte a minha... *(Mais alto.)* Ao menos espero que seja à beira-mar.

Um – Ela também requisitou um guia de viagem das ilhas gregas. Para mim, vai ser uma mudança. Normalmente só saio daqui para ir às escolas. Conhece a Grécia?

Dois – Não. É a minha primeira saída.

Um – Em três anos?

Dois – Como disse, há sempre uma primeira vez.

Um – Quanto à Grécia, podemos perguntar ao guia de viagem... Conhece-o?

Dois – Nada.

Um – Não tem muito bom aspeto, mas enfim... Como vamos passar quinze dias juntos...

Dois – Há quanto tempo estamos aqui em cima desta mesa?

Um – Não sei... Pelo menos há uma hora...

Dois – Será que se esqueceram de nós?

Escuro.

8. Desencontros

Duas personagens a acabar de almoçar.

Um – Afinal, este restaurante não é nada mau, pois não?

Dois *(distraído)* – Pois...

Uma pausa.

Um – Pergunto-me o que vem a seguir...

Dois – A seguir? Queres dizer depois da morte? Quer dizer, depois da vida...

Um – Não... Estava a pensar... Depois do estufado de vitela...

Dois – Do estufado?

Um – Sim... O que vem a seguir... de sobremesa.

Dois – Ah, está bem... Desculpa, percebi mal.

Um – Não faz mal. Acontece...

Dois – Pois...

Uma pausa.

Um – E agora, o que fazemos?

Dois – O que fazemos agora?

Um – Sim. Agora... A seguir.

Dois – Queres fazer um balanço, é isso? Da nossa vida em comum? Se calhar já era altura de percebermos em que ponto estamos... Se vale a pena...

Um – Eu queria dizer depois do almoço. O que fazemos a seguir? Vamos ao cinema? Passeamos? Ou vamos para casa?

Dois – Ah, certo... Agora, quer dizer, esta tarde.

Um – Exatamente. Esta tarde, esta noite...

Dois – Eu tinha percebido... o que fazemos, daqui para a frente, com o resto das nossas vidas. Juntos ou...

Um – Estou a ver...

Dois – Hoje não acerto uma...

Um – Há alguma coisa que não consigas digerir?

Dois – Não, se tivesse alguma coisa atravessada na garganta, dizia-te. Acredita.

Um – Estava a falar do almoço.

Dois – Desculpa.

Um – É verdade que o estufado é sempre um bocado...

Dois – Sim. Sobretudo o de vitela.

Uma pausa.

Um – Estás a ver alguém?

Dois – Claro que não! Nunca te traí, juro!

Um – Estava a falar do empregado de mesa... Para pedir a conta. Só paguei duas horas de estacionamento. Espero que não me deixem uma multa no para-brisas...

Dois – Claro.

Uma pausa.

Um – Achas que vamos conseguir?

Dois – A conta?

Um – Não, agora estava a falar de nós.

Dois – De nós?

Um – Ultimamente, tenho a sensação de que nos custa entender um ao outro.

Dois – Mas... Porque é que dizes isso?

Um – Não sei...

Dois – Ou então podemos dar-nos um miminho lá em casa... Quero dizer, comer um docinho, para sobremesa... Já que o empregado nunca mais aparece...

Um – Está bem... Isso foi uma proposta?

Dois – Sim... Acho que sim...

Um – Ah, ali vem o empregado... Faça favor!

Dois – É uma empregada, não é?

Um – Tens a certeza?

Dois – Não...

Escuro.

9. Pobres de nós

Duas personagens: uma rica e outra pobre.

Um – Bom dia.

Dois – Ah... Bom dia.

Um – Parece surpreendido.

Dois – Não, é que...

Um – É a primeira vez que um sem-abrigo lhe diz bom dia?

Dois – Pelo menos é a primeira vez que respondo. Aqui não temos o hábito de cumprimentar desconhecidos na rua. Sobretudo sem-abrigos...

Um – Porquê?

Dois – Não sei... As pessoas desconfiam.

Um – Mas aqui só vive gente com milhares de milhões, não é?

Dois – Não exagere... Há uns quantos que só têm algumas dezenas de milhões.

Um – Coitados...

Dois – Somos sempre pobres aos olhos de alguém.

Um – Eu sou pobre aos olhos de toda a gente.

Dois – Precisamente, a esse respeito...

Um – O que vim eu fazer aqui, ao Mónaco?

Dois – Aviso-o já: ser rico não significa ser mais generoso com os pobres.

Um – Já reparei. Um café no Yacht Club custa cinco euros. Pensei que as esmolas fossem proporcionais. Mas não.

Dois – Quanto mais ricas são as pessoas, mais medo têm da pobreza. Olham para si como se tivesse uma doença contagiosa.

Um – E, no entanto, o senhor é rico, não é?

Dois – Imensamente rico.

Um – E disse-me bom dia.

Dois – Mas ainda não lhe dei nada.

Um – Já trocámos alguma coisa. É um começo.

Dois – Trocámos?

Um – Algumas palavras.

Dois – Um pequeno negócio, portanto.

Um – Passa-se alguma coisa?

Dois – Pode dizer-se que sim...

Um – Posso ajudá-lo?

Dois – Infelizmente, não.

Um – Se for uma questão de dinheiro, de facto não.

Dois – Tenho cancro. Em fase terminal. Já não me resta muito tempo. Posso morrer amanhã. Ou depois de amanhã.

Um – Lamento muito.

Dois – Parece sincero.

Um – Não tem família?

Dois – Sou filho único. Os meus pais morreram. De vez em quando apareceram uns primos afastados, mas percebi depressa que o interesse deles não era propriamente genealógico.

Um – E amigos?

Dois – Amigos... Na minha posição, sabe, a humanidade divide-se em três categorias: concorrentes, empregados e clientes.

Um – Então é uma pessoa sozinha, como eu. Porque a pobreza também não ajuda nada a fazer amizades.

Dois – Os extremos tocam-se... Estávamos destinados a encontrar-nos.

Um – E o que vai fazer à sua fortuna? Se não tem família nem amigos...

Dois – Podia deixar-lha toda em testamento.

Um – A solidão também?

Dois – Continuaria sozinho, mas não lhe faltaria companhia...

Um – Infelizmente, não teria muito tempo para a aproveitar.

Dois – Porquê?

Um – Também tenho cancro.

Dois – Lamento muito.

Um – Parece sincero.

Dois – Sou.

Um – Então, o que fazemos?

Dois – Somos como duas borboletas. Só nos restam alguns dias de vida.

Um – E nem sequer podemos reproduzir-nos.

Dois – Deixe-me ao menos oferecer-lhe um café.

Um – Vai ser o café mais caro da minha vida.

Saem.

Escuro.

10. De porta em porta

Duas personagens. A primeira usa um laço ao pescoço e toca à campainha da segunda, que abre a porta.

Um – Bom dia, somos as Testemunhas de Jeová.

Dois – Está a brincar?

Um – Não. Porquê?

Dois – Está sozinho!

Um – Ah, sim... É que... a minha colega está de baixa.

Dois – Olhe que coisa...

Um – Há uma epidemia de gripe.

Dois – Deve ser mais uma provação enviada por Deus.

Um – Vejo que já está sensibilizado para...

Dois – Estava a brincar. A religião não é propriamente a minha praia... Portanto, não lhe vou fazer perder tempo...

Um – Espere um momento!

Dois – O que é agora?

Um – Também instalo os novos contadores inteligentes de eletricidade.

Dois – Com um laço ao pescoço? Isto é para um programa de câmara escondida?

Um – Nada disso! Com a liberalização do setor, agora subcontrata-se tudo. Lembraram-se de nos oferecer esse trabalho, a nós, Testemunhas de Jeová. Como passamos o dia a tocar às campainhas, e nem sempre alguém nos abre a porta...

Dois – E com os contadores têm mais sucesso do que com Deus?

Um – Não sei... É o meu primeiro dia... O senhor é o meu primeiro cliente...

Dois – Que sorte a minha...

Um – Então?

Dois – Então, o quê?

Um – O contador inteligente?

Dois – É que... ouvem-se tantas coisas...

Um – Não acredita em Deus nem receia o castigo divino pela sua falta de fé, mas acredita em todos os disparates que se dizem sobre os poderes maléficos dos contadores inteligentes? Quando não existe qualquer prova científica desses perigos...

A outra personagem hesita por instantes.

Dois – Está bem, ganhou. Instale lá o raio do contador e desapareça.

Um – Demora cerca de uma hora...

Dois – Tire-me só uma dúvida... É mesmo Testemunha de Jeová?

Escuro.

11. Sem futuro

Duas personagens a olhar em frente.

Um – Sempre me perguntei o que faria se só me restasse um dia de vida.

Dois – Um dia?

Um – Ou uma hora. Ou quinze minutos.

Dois – E o que farias?

Um – Nada.

Dois – Ah, sim...

Um – Não me perguntas porquê?

Dois – Porquê o quê?

Um – Porque não faria nada!

Dois – Porque é que não farias nada?

Um – Porque acho que não conseguimos fazer nada se não pudermos projetar-nos, nem que seja um bocadinho, no futuro.

Dois – Pois...

Um – Acho que não se pode fazer nada sabendo de antemão que é a última vez que o fazemos.

Dois – Achas?

Um – E tu?

Dois – Eu?

Um – O que farias?

Dois – Se só me restassem quinze minutos?

Um – Sim.

Dois – Não sei... Fazia amor.

Um – Amor?

Dois – Sim.

Um – Em quinze minutos?

Dois – Estou a falar de dar uma queca, não de fazer planos para o futuro. Ter filhos, constituir família, essas coisas.

Um – Pois... Fazer amor sabendo que é a última vez.

Dois – Cada vez que faço amor, pergunto-me se não será a última. Aliás, já nem me lembro de quando foi.

Um – O quê?

Dois – A última vez!

Um – E com quem é que ias para a cama?

Dois – É aí que as coisas se complicam.

Um – Pois.

Dois – Contigo é que não era, de certeza...

Escuro.

12. Mensagem numa garrafa

Duas personagens que ficam um momento em silêncio.

Um – Lembras-te daquela sonda que lançámos há uns cinquenta anos para ultrapassar os limites do sistema escolar...?

Dois – Solar. Do sistema solar.

Um – Isso... Com uma mensagem para os extraterrestres?

Dois – E então?

Um – Ainda me pergunto se foi boa ideia.

Dois – A sério?

Um – Imagina que alguém a encontra.

Dois – Alguém?

Um – Extraterrestres!

Dois – As hipóteses são mínimas...

Um – Talvez, mas, se a lançámos, é porque existe pelo menos uma possibilidade, por muito pequena que seja, não é? Às vezes alguém encontra uma garrafa lançada ao mar.

Dois – Pois... E depois?

Um – Tu lançavas uma garrafa ao mar com o teu nome, a tua morada e o número do cartão de crédito lá dentro?

Dois – Porque é que havia de fazer uma coisa dessas?

Um – Exatamente! É essa a pergunta: porquê?

Dois – E então? Porquê?

Um – Porque somos ingénuos ao ponto de acreditar que os extraterrestres nos querem bem! E que vão partilhar connosco, de graça e sem pedir nada em troca, os poderes extraordinários de uma civilização mais avançada do que a nossa.

Dois – Porque não?

Um – Não sei... Quando descobrimos a América, foi isso que fizemos aos povos indígenas? Sim ou não?

Dois – Não...

Um – Primeiro massacrámo-los com armas que desconheciam, depois obrigámos os sobreviventes a converter-se, transmitimos-lhes uma série de doenças e demos-lhes álcool a rodos. E os que sobreviveram foram fechados em reservas.

Dois – Visto assim, realmente...

Um – Imagina que esses extraterrestres encontram a nossa mensagem e respondem.

Dois – O que é que poderiam responder?

Um – Imagina que dizem: «Estamos a caminho.»

Dois – Pois... Isso mete medo...

Um – Foi uma estupidez dar-lhes a nossa morada, como quem diz: «Se não tiverem nada melhor para fazer, apareçam cá em casa para beber um copo.»

Dois – E não há maneira de desfazer isso?

Um – Nenhuma.

Dois – E também não podemos mudar de casa.

Um – Ainda não.

Dois – Tens razão... Estamos mesmo metidos numa alhada.

Um – Bem, com sorte, nunca vão encontrar a mensagem.

Dois – Ou então nem sequer existem.

Um – Até lá, o melhor é não darmos nas vistas.

Dois – Sem dúvida.

Um – Para viver feliz, mais vale passar despercebido.

Dois – Vou apagar a luz...

Um – Boa noite.

Dois – Bons sonhos. *(Uma pausa.)* Não disseste a palavra «borboleta».

Um – Não... Desta vez não consegui mesmo metê-la na conversa...

Escuro.

13. Espera, borboleta!

Duas personagens a olhar em frente.

Um – Passou tudo tão depressa.

Dois – Pois passou.

Um – Viste aquela borboleta?

Dois – Vi.

Um – Anda de flor em flor. Tem tanta pressa.

Dois – Achas?

Um – Só tem um dia de vida.

Dois – E tantas flores por descobrir.

Um – Se chegarmos aos cem anos, teremos vivido o equivalente a trinta e seis mil borboletas.

Dois – Trinta e seis mil e quinhentas, para ser mais exato.

Um – Ah, pois.

Dois – Trezentos e sessenta e cinco dias, vezes cem.

Um – Sem contar com os anos bissextos.

Uma pausa.

Dois – Quantas flores andaste a visitar nestes últimos dias?

Um – Nenhuma. E tu?

Dois – Eu também não.

Um – Achamos sempre que temos todo o tempo do mundo e, no entanto, dia após dia, esquecemo-nos de fazer aquilo que mais desejamos.

Dois – Como ir colher o néctar ao jardim do vizinho.

Um – Também temos um jardim.

Dois – Já me estás a moer o pistilo.

Um – É um começo.

Dois – E assim fica dito tudo.

Um – Já é meia-noite?

Dois – Falta um minuto.

Um – Nem dei pelo tempo passar.

Dois – Amanhã também nasce o sol.

Um – Mas nós já não estaremos cá.

Dois – É a vida. Tudo o que é bom acaba.

Um – Espera, borboleta! Ainda nos resta um minuto!

Dois – É verdade... À escala da vida de uma borboleta, isso é um mês inteiro.

Um – O que vamos fazer com todo este tempo que nos resta?

Olham um para o outro e sorriem.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/

https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Novembro de 2026

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-520-4
Documento para download gratuito